

EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE CONTOS POPULARES BRASILEIROS E PRÁTICAS INCLUSIVAS A PARTIR DO ESTÁGIO

*Kamilla de Oliveira Souza*¹ (UFG/FE – kamillasouza@discente.ufg.br)

*Morgana de Souza Macedo*² (UFG/FE – morganazouza@discente.ufg.br)

*Victor Rosa dos Santos Moreira*³ (UFG/FE – victor.rosa@discente.ufg.br)

*Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Gabassa*⁴ (UFG/FE – vanessagabassa@ufg.br)

*Supervisora: Profa. Dra. Jaqueline Aparecida Barbosa*⁵ (UFG/CEPAE – jaquebarbosa@ufg.br)

Resumo

Este trabalho objetiva analisar a construção da concepção de inclusão por meio da articulação entre uma educação como prática da liberdade e o trabalho pedagógico com os contos populares brasileiros. A concepção de inclusão delineada advém da perspectiva de educação libertadora proposta a partir das obras *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, e *Ensinando a transgredir*, de bell hooks. Freire e hooks definem o porquê e para quem educar, enquanto Libâneo, em sua obra *Didática*, estrutura o como fazer: uma inclusão equitativa que deve ser intencional e planejada, garantindo o conhecimento sistematizado e a centralidade do estudante no processo formativo, (re)pensando a práxis com foco na produção do conhecimento. Os contos populares brasileiros foram escolhidos como eixo central por serem expressão viva do patrimônio cultural e carregarem a pluralidade do país. Eles atuam como objeto de estudo que valoriza o papel popular pensado por Freire e fomentam o engajamento através da identificação e do acolhimento da diferença pensado por hooks. A metodologia é de natureza qualitativa, advinda da vivência participativa de licenciandos/as de Pedagogia durante o estágio supervisionado. De forma colaborativa, orientadora-supervisora-estagiárias/o, desenvolveu-se um projeto de ensino aplicado no CEPAE - UFG, em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. Vivenciar um processo de docência compartilhada sob a luz dessas teorias se contrapõe ao paradigma do/a estudante como um mero recipiente de conteúdo, perpetuando a cultura do silêncio. No contexto da

¹ (Graduanda em Pedagogia pela FE/UFG, kamillasouza@discente.ufg.br).

² (Graduada em Letras pela FL/UFG, especialista em Alfabetização e Letramento pelo IFG e Graduanda em Pedagogia pela FE/UFG, morganazouza@discente.ufg.br).

³ (Graduando em Pedagogia pela FE/UFG, bolsista PIBID, membro do projeto de extensão Literar com a Infância, victor.rosa@discente.ufg.br).

⁴ (Pedagoga, mestra e doutora em Processos Educativos e Metodologias de Aprendizagem, professora associada da FE/UFG, vanessagabassa@ufg.br).

⁵ (Pedagoga, mestra e doutora em Educação, especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça, professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), jaquebarbosa@ufg.br).

inclusão, significa reconhecer que os/as estudantes com deficiência ou dificuldades de aprendizagem trazem consigo saberes e formas únicas de interação que devem ser o ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem. Com essa intervenção, destacam-se dois resultados importantes: a ressignificação da práxis do/a estagiário/a não sendo apenas uma aplicação técnica, mas uma formação crítica mostrando a inclusão como uma postura ética e política, tornando o/a estagiário/a sujeito ativo, refletindo sobre a própria prática para torná-la verdadeiramente libertadora. Em segundo lugar, o real acesso equitativo ao conhecimento se concretiza quando o processo educativo é pautado em uma pedagogia engajada, como propõe bell hooks. Ao utilizar os contos populares sob essa perspectiva libertadora, a prática docente buscou romper barreiras didáticas e promover um ambiente de aprendizagem no qual todos os estudantes pudessem participar ativamente, sem exceções. Essa pedagogia, que valoriza o bem-estar e a integralidade de cada sujeito, compreende a equidade não apenas como igualdade de acesso, mas como o reconhecimento e a valorização das diferenças, permitindo que cada aluno/a seja contemplado/a em suas necessidades e potencialidades. Assim, o aprendizado torna-se um ato de inclusão, diálogo e transformação, reafirmando o papel do/a educador/a como mediador/a de uma formação crítica e emancipadora.

Palavras-chave: Inclusão; Educação Libertadora; Contos Populares; Construção do saber; Estágio.